

O Chinês e a Gastronomia

Ana Cristina Alves*

Por que motivo comecei a aprender Chinês? Já lá vão tantos anos, mais de vinte. Ao princípio fui movida por pura curiosidade filosófica. Vim dar aulas de Português para Macau, em 1990. Estreei-me no Centro de Difusão de Língua Portuguesa. Mas depois, quando saía das aulas e olhava em redor, não entendia nada do que estava escrito nas lojas, nos *placards* com anúncios, nos jornais, enfim um pouco por todo o lado. Sim, de início senti uma grande curiosidade, mas em breve percebi que o que me atraía na língua chinesa era algo mais profundo.

Os chineses têm uma expressão proverbial que talvez possa explicar o que me levou a prosseguir nos estudos de língua chinesa. Dizem: 想吃甚麼就是缺甚麼 (xiang chi shenme jiu shi que shenme), ou seja, *cada um come aquilo de que sente falta*. Ora o sentido é um pouco diferente daquela expressão portuguesa relativa à comida, *cada qual come do que gosta*.

Então, de que sentia eu falta?

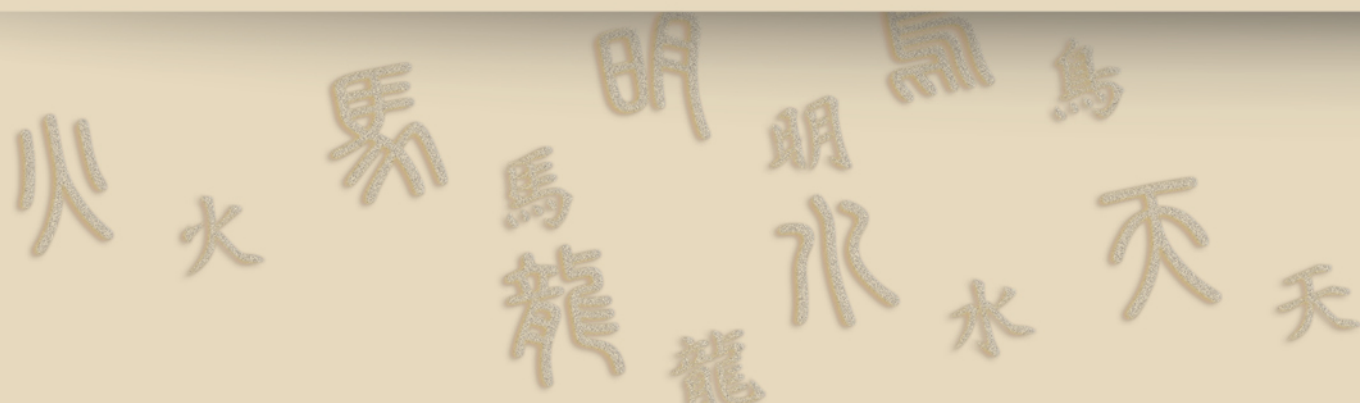
Se aceitarmos que estudar uma língua é também abrir as portas e as janelas, enfim tudo

o que há para abrir, dum mundo diferente, eu pedia o encontro com uma cultura distinta, na qual estivesse patente um forte simbolismo linguístico, onde cada palavra pudesse ser lida e interpretada como um quadro.

Sentia falta de uma linguagem pictórica e ecológica, que me conduzisse através das palavras à natureza. Onde pudesse compreender, ou melhor, ver claro, (明ming) por meio da junção dos caracteres do sol (日ri) e da lua (月yue), e pudesse perceber a água a correr quando caligrafasse o caractere de água (水shui) ou então o fogo a erguer-se rumo ao céu no caractere que o representa (火huo); ou ainda, o céu (天tian) bem por cima dum homem grande (大da) e a terra por baixo dele (土tu).

Ia buscar ao interior da língua chinesa as imagens que na minha língua, mais formal e alfabética, apenas encontrava por reenvio e grande esforço de imaginação.

No entanto, neste longo percurso também tive os meus momentos de desencantamento, sobretudo quando comecei a fazer uma aprendizagem mais formal da língua chinesa, ou





seja, quando passei também a querer comunicar através do chinês. Aí percebi que deveria desenvolver maiores esforços para assimilar uma quantidade sempre crescente de caracteres sem fim à vista.

A dada altura a perspectiva utilitarista da língua entrou em rota de colisão frontal com a minha atitude poética e pictórica perante o chinês e tive de deitar mão a muita persistência para não desistir. Foi mais uma vez agarrada a um dito que os chineses empregam muitas vezes que prossegui caminho. Recordei a expressão proverbial muito conhecida, que é empregue para traduzir a incapacidade de levar algo a bom termo: 半途而廢 (bantu-erfei). Esta significa desistir a meio, eis o que não podia fazer só porque o número de caracteres a memorizar não parava de aumentar e de algum modo me retirava o prazer de os poder apreciar com calma, tratando cada um com todos os requintes da atenção por ser a chave privilegiada de acesso a uma realidade mágica, que abria novas perspectivas e mundos nunca antes imaginados.

Determinada a prosseguir caminho, amadureci um plano do qual tenho procurado não me afastar muito. Recordando mais uma

vez um dito chinês, deixei que : 胸有成竹 (xiong you cheng zhu), quer dizer, formara uma ideia muito clara da relação com a língua que me convinha.

E todo o meu esforço tem sido efectuado no sentido de realizar a conciliação linguística das atitudes utilitária e comunicativa com a artística e filosófica. O que afinal não tem sido tão difícil de conseguir como à primeira vista parecia, porque a língua e a cultura andam mesmo de mãos dadas, são uma espécie de irmãs gémeas muito unidas, onde está uma, logo se encontra a outra.

Por fim, aqui fica um conselho da sabedoria chinesa a todos aqueles que desejem aprender bem uma língua, seja a chinesa ou outra qualquer. A pressa é a maior inimiga da aprendizagem, por isso sempre que se tentar acelerar no processo pedagógico o resultado é tão indesejável como o que obteve aquele homem do Estado Song que para ajudar a crescer o arrozal da família foi puxar pelos rebentos, tendo conduzido à perda de toda a colheita. Também na língua é melhor evitar: 拔苗助長 (bamiao-zhuzhang), isto é, *puxar os rebentos para os ajudar a crescer*.

*Professora Convidada do Departamento de Português da Universidade de Macau, onde tem leccionado Português ao Curso de Direito e Tradução Chinês-Português no Curso de Mestrado de Tradução.